

Elementos de Regularidade e Tipificação do Gênero Jornalístico Infográfico

Elements of Regularity and Typification of the Journalistic Genre Infographic

Francis Arthuso Paiva

Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

paivafrancis@yahoo.com.br

Resumo

O infográfico é um gênero jornalístico muito utilizado pela imprensa nas mídias convencionais e digitais. A falta de pesquisa a respeito desses textos na Linguística de gêneros, do Texto e na Comunicação, conseqüentemente, sua inexpressiva presença nos livros didáticos de Língua Portuguesa nos motivou a estudá-lo. Nosso objetivo neste artigo é apontar algumas regularidades e tipificações da textualidade do infográfico da revista Superinteressante para conceituá-lo como gênero do discurso jornalístico e não apenas um recurso do design gráfico que acompanha outros gêneros.

Palavras-chave: Gêneros Jornalísticos, Infográfico, Multimodalidade.

Abstract

The Infographic is a journalistic genre highly used by the press not only in conventional but also in digital media. The lack of research concerning this text in genre and textual linguistics and consequently its inexpressive presence in Portuguese language didactic books has motivated us to analyze it. Our aim in this paper is to verify Superinteressante Magazine infographic regularity and typification to conceptualize it as a discourse genre instead of a merely Graphic design device which follows other genres.

Keywords: *Journalistic Genres, Infographic, Multimodality.*

1. Introdução

O infográfico, informação + gráfico, é um texto cujo surgimento se deu em decorrência da necessidade de se fazer divulgação e ensino de ciência e tecnologia, haja vista sua forte presença em manuais de ensino bio-físico-químicos. Graças ao seu potencial informador, no fim do século XX, seu uso se estendeu ao jornalismo em geral e não apenas ao jornalismo de divulgação científica e tecnológica.

Atualmente, muito utilizado por revistas e jornais brasileiros e mundiais, nas suas versões no papel ou on-line, goza de sucesso entre os leitores. Para o jornalismo, é um sub-gênero ou gênero complementar e para a linguística, uma representação gráfica complementar a outro

gênero, ou gênero do discurso, no entanto, essa conceituação é alvo de discussões nos dois campos do conhecimento. Seja qual for sua conceituação é fato que se trata de um texto de uso relevante na sociedade atual e merecedor de estudos, ainda muito incipientes, no campo da comunicação e da linguística. Por isso o objetivo deste artigo é apontar algumas regularidades e tipificações do infográfico da revista Superinteressante para conceituá-lo como gênero do discurso e não apenas um recurso do design gráfico que acompanha outros gêneros.

Essa preocupação em definir o infográfico como gênero não é gratuita e voltada simplesmente para preocupações epistemológicas. Tanto do ponto de vista de quem o produz, seja o jornalista ou o design gráfico ou ambos, quanto do ponto de vista de quem o lê é essencial conhecer uma tipificação no infográfico para que esse texto possa ser efetivo na sua função de elo de produção de sentido.

Nossa análise abrange as regularidades e tipificação na organização textual do infográfico. Definimos regularidades e tipificações sob a concepção da corrente Sociorretórica de estudo dos gêneros, a que este estudo se filia. Para essa corrente, os gêneros agem sobre os campos de atividade humana, isto é, o gênero como ação social. São atos retóricos, pois quem escolhe determinado gênero para organizar seu discurso o faz não apenas por determinações do contexto da esfera de atividade a que ele pertence, mas também o faz por determinada motivação em busca de um efeito pretendido. Para Miller (2009a, p.30), a recorrência dessas ações retóricas é que importa ao analisar o gênero, pois podemos tipificá-las. Ela ressalta, contudo, que não se trata de recorrência no sentido cientificista:

Na explicação materialista, o recorrente levaria antes a generalizações científicas. A recorrência é inferida pela nossa compreensão de situações como sendo, de alguma forma, ‘comparáveis’, ‘similares’, ou análogas’ a outras situações. (MILLER, 2009a, p. 30)

Concomitantemente, essas ações geram respostas retóricas, que por sua vez também são recorrentes e passíveis de tipificação. Por esses motivos os gêneros são reconhecidos e usados pelas comunidades, que são chamadas de retóricas por Miller, (2009b, p. 55):

As comunidades retóricas existem nas memórias humanas e nas suas instanciações específicas em palavras: não são inventadas do zero, mas persistem como aspectos estruturadores de todas as formas de ação sociorretóricas. Como os gêneros, as comunidades retóricas ‘existem’ em uma hierarquia discursiva, não no espaço-tempo; elas existem, contudo, em um nível cumulativo muito mais elevado do que os gêneros. (...) ela trabalha em parte através do gênero, como o lugar operacional da ação social articulada, reproduzível, o nexos entre o privado e o público, o singular e o recorrente, o micro e o macro.

Para a autora, compreender as normas que regem uma comunidade retórica é essencial para compreender o gênero que elas produzem, porque os gêneros como ação e resposta retóricas não são entidades engessadas e imutáveis, já que as situações se diferem, embora advirem de um mesmo grupo. Como ressalta Carvalho (2005, p. 135) “o gênero tem um potencial estruturador da ação social porque é o elo e o mediador entre o particular e o público, entre o indivíduo e a comunidade”.

Outro autor que estabelece parâmetros para um estudo de gênero como ação social é Bazerman (2006) para quem é preciso observar as regularidades que geram recorrências, não apenas as regularidades da organização linguística, como também das situações retóricas. Os usuários envolvidos no uso do gênero é que dão pistas para chegar a essas regularidades, assim como denunciam os papéis sociais realizados por eles. Bazerman (2006, p.22) apresenta uma abordagem capaz de demonstrar como os textos organizam as atividades de um grupo social:

Cada texto bem sucedido cria para seus leitores um *fato social*. Os fatos sociais consistem em ações sociais significativas realizadas pela linguagem, ou *atos de fala*. Esses atos são realizados através de formas textuais padronizadas, típicas e, portanto, inteligíveis, ou *gêneros*, que estão relacionados a outros textos e gêneros que ocorrem em circunstâncias relacionadas. Juntos, os vários tipos de textos se acomodam em *conjuntos de gêneros* dentro de *sistemas de gêneros*, os quais fazem parte dos *sistemas de atividades humanas*. (Grifo do autor).

Para ele, um fato social é aquilo que uma pessoa considera como verdadeiro. Como são realizados pela linguagem, apenas considerar o que literalmente é dito não basta para analisar o que de verdadeiramente foi dito. Por isso, o linguista recorre à teoria dos atos de fala e amplia essa teoria para a noção de gênero, ou seja, os textos organizados em gêneros podem ser analisados em três níveis: o que foi literalmente dito, os enunciados – ato locucionário – o que pretendemos que o leitor entenda com o texto – ato ilocucionário – e o modo como os interlocutores entendem os atos – ato perlocucionário –. Isso nos permite compreender as proposições afirmadas pelos textos. Um texto de divulgação científica, por exemplo, além de informar uma nova descoberta, pode possuir como ato ilocucionário a intenção de dizer que aquela descoberta pode melhorar a vida dos seres humanos.

Bazerman (2006, p. 29) vê nessa análise dos atos de fala uma justificativa para legitimar a criação e uso dos gêneros pelos usuários. Como nossos atos locucionários podem ter outras intenções e gerar compreensões diversas dos nossos interlocutores, fica evidente que não somos sempre imediatamente compreendidos, sobretudo em textos escritos, cujos interlocutores geralmente não estão face a face para corrigir equívocos. Por isso organizamos

nossos enunciados em formas de comunicação de textos que já sabemos que funciona naquela determinada situação, pois as utilizamos em outra situação efetivamente com sucesso. Essas formas são os gêneros. Por outro lado, essas formas tipificadas ou gêneros organizam a ação das pessoas também. Portanto, “este processo de mover-se em direção a formas de enunciados padronizados, que reconhecidamente realizam certas ações em determinadas circunstâncias, e de uma compreensão padronizada de determinadas situações, é chamado de tipificação” (BAZERMAN, 2006, p. 30). Essa tipificação é que permite o entendimento entre os interlocutores, porque os gêneros são formas mais ou menos estáveis moldáveis à situação específica na tentativa de aceitação mais fácil do ato ilocucionário do seu autor. Essa visão reforça o viés histórico da abordagem sociorretórica, também com bases em Bakhtin:

Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos. (BAKHTIN, 2003, p. 268)

Essa relação entre sociedade e linguagem se manifesta nas ações configuradas pelos gêneros através dos conjuntos de gêneros, sistema de gêneros e sistema de atividades propostos por Bazerman (2006, p. 32-33). O primeiro diz respeito a todos os gêneros produzidos por uma pessoa em determinado campo de atividade humana, o que já denuncia as atividades realizadas por essa pessoa. O sistema de gêneros reúne os diversos conjuntos de gêneros utilizados por pessoas que se relacionam. E o sistema de atividades são as ações que os sistemas de gêneros organizam. Reconhecer esse sistema é reconhecer o que as pessoas fazem com o texto e não apenas reconhecer o texto na instância do enunciado apenas, encerrando em si mesmo.

Outra abordagem que guia nossa análise é a da multimodalidade que “é a combinação de modos semióticos em uma produção ou evento semiótico” (KRESS e VAN LEEUWEN, 2001, p. 02). A partir disso, consideramos o infográfico um gênero textual que integra informações do modo verbal e visual, sendo as informações de um modo integradas às do outro modo, ou seja, informações visuais se integram às verbais sem que uma seja independente da outra, mas complementares; integração sem a qual não teríamos um infográfico e, sim, outro gênero de texto visual informativo. Essa não é a única, mas a principal regularidade formadora dos infográficos

Para analisar essa construção multimodal do infográfico e apontarmos suas regularidades e tipificações, contamos com os princípios teórico-metodológicos da Gramática do design visual de Kress e van Leeuwen (2006) que é uma tentativa de criar critérios para a análise da

gramática do visual. Para os autores essa gramática “é culturalmente específica; não universal” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 04). Isso quer dizer que, como eles mesmos frisam no livro, o ocidente cria maneiras de produzir o visual e valoriza essas maneiras, havendo diferença até mesmo dentro do mundo ocidental, ou de pessoa para pessoa. Eles propõem que o visual se organiza em três metafunções, porém os elementos que materializam essas funções, é claro, são visuais. Eles estabelecem, na medida do possível, relações entre o linguístico e o visual, ressaltando que são modos semióticos diferentes com limitações e habilidades diferentes, porém existem muitas proximidades apontadas por eles.

2. Método

Selecionamos para análise dois infográficos da revista Superinteressante, publicação brasileira mensal da Editora Abril, conhecida por seus infográficos ganhadores de prêmios internacionais e sua proposta de ser uma revista de divulgação científica e tecnológica para leigos. Portanto, trata-se de um infográfico no suporte revista de papel e não sua versão digital, que também carece de estudos, mas não será tratado neste artigo.

3. Análises dos infográficos

O infográfico Tchou, sujeira possui como assunto um tema relacionado à novidade tecnológica: tecnologias que deixariam uma cidade mais limpa. Ele é organizado pela estrutura conceitual analítica exaustiva (KRESS e VAN LEEUWEN, 2006), que se caracteriza pela presença de um portador – a cidade – e atributos – suas partes – com suas respectivas novas tecnologias; mas em compounded, ou seja, portador e atributos juntos, porém retratados como partes separadas com uma espécie de ampliação (zoom) dessas partes.

Ocorre também a ampliação da ampliação. O passageiro no ônibus com sua roupa é o portador. O tecido dessa roupa, que são atributos, é representado exaustivamente em outra ampliação. Isso ocorre com a ampliação do asfalto sob o carro também.

Essa exaustiva explicação do portador se reflete também no modo verbal na criação das legendas ligadas a cada ampliação feita na cidade. Na legenda denominada Roupa antifedor, que acompanha as imagens da roupa do passageiro do ônibus, encontramos a explicação de como funciona essa tecnologia, onde se lê: “Quando você transpira, as bactérias ‘comem’ o seu suor. É isso que causa mau cheiro. Mas este tecido tem bolinhas de prata que rasgam as membranas das bactérias. Elas morrem – e você não fica fedendo”. Essa explicação se integra

à imagem, de modo que uma informação se integra a outra. A escolha de dois modos para representar um objeto se deve à característica desses modos e optar por um ou outro e até mesmo ambos, como no infográfico é chamado de prática comunicacional que seria:

a escolha do modo de realização do discurso que está mais apto a um propósito específico, a um público e à ocasião da produção do texto (...) que envolve seleção da forma material de realização entre um repertório cultural e do modo que o produtor julga ser mais efetivo em relação aos seus propósitos e o discurso a ser articulado. (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001, p. 30-31).



Figura 1 - Infográfico: Tchau, sujeira. Fonte: Superinteressante (v. 265, p. 22-23)

Predomínio Estrutura conceitual analítica exaustiva
compound Ampliações (zooms) das partes de uma cidade,

Ampliação da
ampliação:
Estrutura conceitual
analítica exaustiva e

Essa configuração do infográfico Tchau, sujeira é recorrente na revista Superinteressante, como demonstrou Paiva (2009), tornando-se uma tipificação desse gênero.

Em relação à organização material do infográfico, há também a recorrência a um texto introdutório que oferece informações que não estão presentes no restante do infográfico. Há infográficos na revista Superinteressante, chamados de complementares devida a sua função de acompanhar uma reportagem no intuito de auxiliá-la na sua função de informar. O infográfico Tchau, sujeira é do tipo independente por trazer apenas um texto introdutório.

Já o infográfico A missão que vai bombardear a Lua, segundo infográfico analisado por nós, trata de um assunto novo, datado, por isso singularizado: a missão da Nasa que pretende encontrar água na Lua. Uma pequena reportagem trata do assunto e o infográfico explica o procedimento da missão.

O infográfico é complementar, nem por isso deixa de ser inteligível sem a leitura da reportagem, senão delimita um assunto específico do assunto tratado na reportagem. Sua organização se dá não pelo compounded, mas pelo conjoined, que, embora seja uma estrutura conceitual analítica, cujos elementos de um objeto são explicitados simultaneamente, assim como no infográfico Tchou, sujeira, a escolha em A missão que vai bombardear a Lua é conectar por uma linha os elementos do foguete, que mesmo separados possuem a ideia de serem ligados fazendo o conjoined, isto é, o foguete é mostrado por partes, porém há a noção de todo o artefato. Portanto, ambos os infográficos analisados aqui optam por apresentar simultaneamente as informações. Algumas escolhas na suas configurações colaboram para isso e são recorrências passíveis de tipificações como:

- a) Eles optam pela organização centro e margem das informações. A informação mais importante é posicionada no centro com as legendas e texto introdutório, bem como os quadros, estão na margem;
- b) A saliência das informações posicionadas no centro é maior do que a numeração das legendas como o corre no infográfico A missão que vai bombardear a Lua com suas legendas numeradas, porém continuam sendo informações de margem;
- c) Funcionam como emolduramento das imagens framings como as linhas do conjoined e as ampliações do compounded: os espaços entre os elementos criam a noção de sua separação para poder explicá-los, contudo, sem perder a noção de todo.

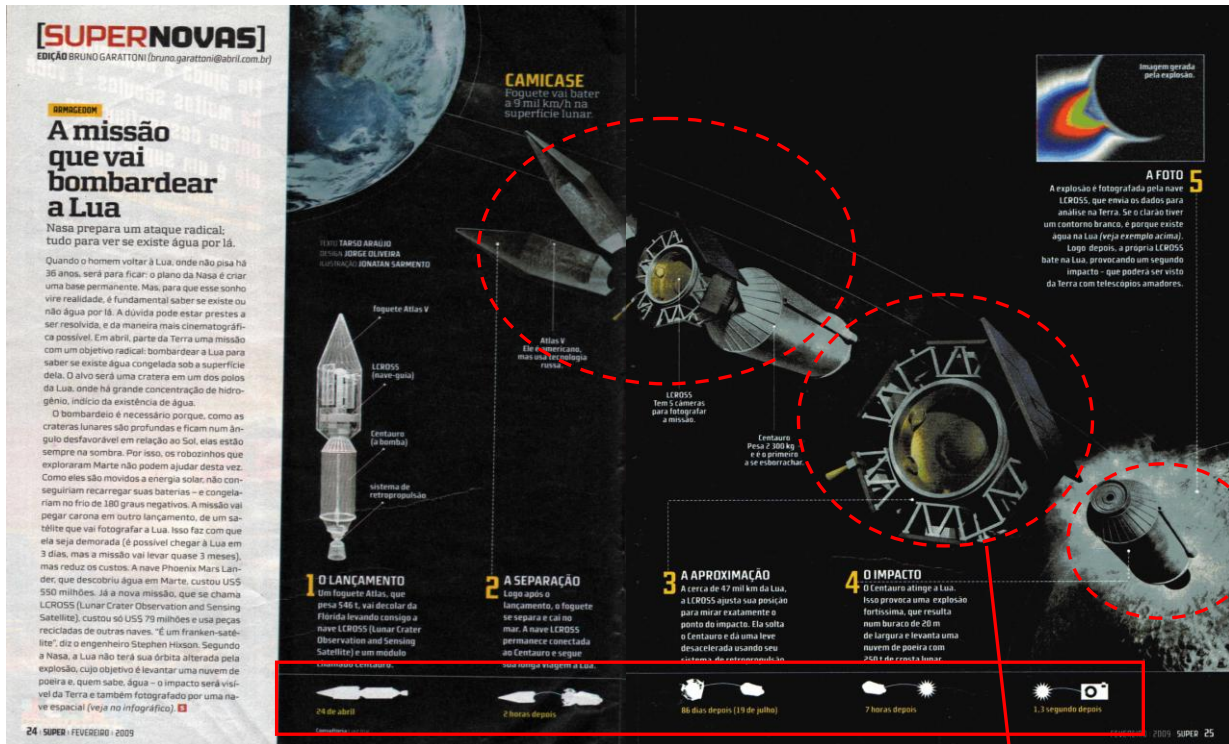


Figura 2 - Infográfico: A missão que vai bombardear a Lua – Fonte: Superinteressante (v. 262, p. 24-25)

Estrutura conceitual analítica exaustiva conjoneid. O foguete é mostrado por partes, porém há a noção de todo o artefato.

4. Considerações finais

Existem outras regularidades que geram tipificações dos infográficos, seja em relação a sua produção ou a sua leitura também, mas nosso objetivo foi demonstrar que existem critérios baseados nas tipificações de sua materialidade verbo-visual para definir o infográfico como um gênero de texto jornalístico que informa independentemente de estar acompanhado de outros textos ou não, como o infográfico Tchou, sujeira.

Embora seja real a assimilação dessas recorrências pelos leitores que formam uma comunidade retórica em torno desses infográficos da revista Superinteressante, ainda assim é necessário utilizar esses critérios para o ensino de leitura desse gênero e também para sua produção, uma vez que é um texto valorizado pela sociedade atual.

Com esses dados, podemos descrever o infográfico como um gênero do discurso, independentemente de ser independente ou complementar a outro gênero, porque, como

vimos, os infográficos utilizados aqui foram eficientes no seu objetivo de informar. Os elementos do gênero infográfico analisados por nós demonstraram recorrências e tipificações que suscitam situações retóricas marcadas pela relação entre sujeitos de linguagem que utilizam o gênero infográfico para se relacionarem didaticamente.

Os leitores de infográficos buscam informações sobre fatos geo-históricos, como é ou funciona um objeto tecnológico ou fenômenos bio-físico-químicos. Esses leitores precisam reconhecer tipificações e recorrências nos infográficos como a integração entre os modos verbais e visuais, o que torna a leitura do infográfico uma situação retórica recorrente, tornando-o um gênero que organiza situações de aprendizagem.

Entretanto, essa relação de aprendizagem passa antes pelo ensino de leitura e produção dos infográficos. Esperamos ter apontado critérios para, pelo menos, fomentar o início desse ensino/aprendizagem.

Referências Bibliográficas

- BAZERMAN, Charles (2006). *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Trad. Judith Chambliss Hoffnagel. 2 ed. São Paulo: Cortez.
- CARVALHO, Gisele de (2005). *Gênero como ação social em Miller e Bazerman: conceito, uma sugestão metodológica e um exemplo de aplicação*. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH (Orgs.) *Gêneros, teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola. p. 130-149.
- GARATTONI, Bruno. *A missão que vai bombardear a Lua*. Superinteressante. São Paulo, Abril. v. 262, p. 24-25, fev. 2009.
- KRESS, Gunther., & Leeuwen, Theo van (2001). *Multimodal discourse: The modes and media of contemporary communication*. London: Arnold.
- KRESS, Gunther., & Leeuwen, Theo van (2006). *Reading images: the grammar of visual design*. 2. ed. London: Routledge (original de 1996).
- MILLER a, Carolyn. R. *Gênero como ação social*. In: Estudos sobre Gênero textual, Agência e Tecnologia. Trad. E Org. Ângela Paiva Dionísio e Judith Chambliss Hoffnagel. Recife: Universitária da UFPE. p. 21-44.
- MILLER b, Carolyn. R. *Comunidade retórica: a base cultural de gênero*. In: Estudos sobre Gênero textual, Agência e Tecnologia. Trad. E Org. Ângela Paiva Dionísio e Judith Chambliss Hoffnagel. Recife: Universitária da UFPE. p. 45-58.
- PAIVA, Francis Arthuso (2009). *A leitura de infográficos da revista Superinteressante: procedimentos de leitura e compreensão*. 205 f. Dissertação. (Mestrado em Estudos Linguísticos). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – POSLIN – Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2009.
- VERONEZI, L.; IRIA, L. Tchau. *Sujeira*. Superinteressante. São Paulo, Abril. v. 265, p. 22-23, maio, 2009.